

PASSADOS INVENTADOS, SABERES SILENCIADOS: O PENSAMENTO MODERNO ENQUANTO PROJETO HISTÓRICO E GEOPOLÍTICO DE DOMINAÇÃO SOB A AMÉRICA LATINA

Diego Miranda Aragão¹

Resumo

A elaboração conceitual de cada povo é fruto do enfrentamento deste com as problemáticas do real. A formulação teórica será tão ou mais original quanto mais conectada com os problemas correntes de determinado lugar e tempo. Nossa investigação visa expor alguns elementos da invenção moderna de categorias conceituais que recaíram sobre nossa história, a de povos atravessados pela colonização e propor uma visão não eurocentrada sobre esses mesmos elementos. Pela pesquisa realizada, observamos ser a História e o Saber dos povos latino-americanos confabulada desde o ponto de vista dos invasores europeus. A construção categorial, desde um ponto de vista de nossa história, impescinde da referência a saberes milenares de nossos povos originários para construirmos formas de pensamento disruptivas e descoloniais.

Palavras-chave: Geopolítica. Histórias Inventadas. Saberes silenciados. Dominação. Filosofia Latinoamericana.

Abstract

The conceptual elaboration of each people is the result of their confrontation with the problems of the real. The theoretical formulation will be much or more original the more connected with the current problems of a given place and time. Our investigation desires to exposed some elements of the modern invention of conceptual categories that fell on our history to relapse on our history, that of peoples crossed by colonization and to propose a non-eurocentric vision on these same elements. From the research realized, we observed thatthe History and Knowledge of the Latinamerican peoples was confabulated from the point of view of european invaders. The categorial construction, from a point of view of our history, requires reference to the ancient knowledge of our original peoples in order to build disruptive and decolonial ways of thinking.

¹ Mestre em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceara - FAFIDAM (2020). Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2016). Especialista em Gestão Educacional pela UVA (2018) Especializando em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (2021). Linhas de Interesse de Pesquisa: Educação Popular; Educação, Direito e Movimentos Sociais; Filosofia Brasileira e Latinoamericana; Estudos Descoloniais. https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=A205AC63EF80281CFB447EB80C3B7FC7#

Words-key: Geopolitics. Invented stories. Knowledge silenced. Domination. Latinamerican Philosophy.

Introdução

O presente texto parte do pressuposto de que toda produção cultural é imanente à especificidade histórica de cada povo. A produção filosófica da Grécia Clássica, por exemplo, notabilizou-se pelo grande potencial criativo e universal não por ter lançado reflexões que, em si mesmas, guardassem tais características. O movimento explicativo para esse fenômeno, em verdade, parte da historicidade e da especificidade da situação geopolítica do homem grego naquele período. É essa imanência temporal-espacial que permitiu a autenticidade e o potencial de universalidade da produção filosófica grega.

Além disso, afirmamos ainda ser a elaboração conceitual de determinado povo fruto do enfrentamento deste com as problemáticas do real, o que pode significar exclusividade e originalidade do pensamento. Utilizar categorias pensadas desde o ponto de vista do Outro não só anuvia nossa visão, como impede a construção de uma posição para a colocação de nossos problemas e obstaculiza a tratativa com esses mesmos problemas.

Diferentemente, foi o que ocorreu nos países que passaram por processos de colonização histórica. A produção filosófica ocidental apresenta uma mesma gênese e apogeu (o helenismo greco-romano e o pensamento moderno respectivamente), o que subjaz a essa pretensão de homogeneidade na construção filosófica são processos de dominação histórica dos corpos, das mentes, dos saberes e dos fazeres dos povos colonizados.

Nesse sentido, a própria história construída por esses povos é marcada por esses elementos de definição alheios aos problemas concretos de cada cultura subjugada. O ponto de partida filosófico escolhido deve-se a nossa percepção de ser ele fundante para as demais esferas da vida social. A História não passaria inócua por ser parte imanente do fazer-se povo de cada cultura específica.

Somado a isso, a própria Modernidade filosófica é apresentada como produto monolítico do pensamento europeu. As reverberações dentro do campo da História podem ser detectadas na própria divisão historiográfica, comumente reproduzida, em “idades” históricas, uma vez que sua origem também é helenocêntrica.

Nossa proposta investigativa, ao contrário, pretende realizar uma construção reinventiva do passado colonial latino-americano² para entender o presente marcado por problemas sociais diversos e possibilitar a prospecção de um futuro descentrado do pretense monolitismo europeu.

Dos passados inventados

Nossa proposta pretende ir às origens da dominação de nossos corpos (erótica), de nossas mentes (pedagógica) e de nossa história (política). Tal reivindicação não pretende trazer um pensamento novo, no sentido da mais recente construção teórica, mas resgatar e reescrever uma história há muito silenciada e negada.

Afirmamos a construção de um pensamento a ser desenvolvido a partir da história dos povos latino-americanos, mas que não se reduza a uma Filosofia da História³ de cada povo. Ao contrário, que ultrapasse os limites impostos pelo pensamento moderno, reivindicador de uma universalidade filosófica. Esta, imprópria e inadequada à constituição histórica de países não-europeus. Afinal, as elaborações teóricas estrangeiras são contextualizadas e situadas dentro da história de cada povo ou continente⁴. A dificuldade de tradução de termos filosóficos europeus para nossa língua reside muito nessa questão por exemplo.

A compreensão da dominação dos nossos povos exige essa continuidade do colonialismo sob a forma da colonialidade. Quer dizer, exige o entendimento acerca do fenômeno, aparentemente contraditório, residente na relação entre os processos políticos de independência e a manutenção da dominação sob outras formas. A fala seguinte poderia ser mencionada por qualquer latinoamericano com ciência média dos problemas seculares e cotidianos que enfrentamos: “Vou fazer cem anos, e já vi mudar tudo, até a posição dos astros no Universo, mas ainda não vi mudar nada neste país – dizia. Aqui se

² Por certo, os limites do texto não permitem um trabalho teórico que abarque a pluralidade de construções epistemológicas dos diversos povos assim considerados. O que pretendemos aqui é lançar algumas reflexões que nos provoquem e nos incitem à construção mencionada.

³ Assim poderíamos cair na “cilada” de realizar uma Antropologia Filosófica excludente da possibilidade da reivindicação da Filosofia de cada povo que se apresentem como próprias, mas negadoras de outras. A proposta é apresentar Filosofia(s) comunicantes e interseccionantes, não marcadas pelo crivo da dominação. Não se pretende, em suma, construir um pensamento xenófobo em relação as diversas experiências filosóficas interpaíses.

⁴ Afirmar uma Filosofia com a pretensão de universalidade e com as marcas da atemporalidade e da inespacialidade é reproduzir o pensamento da modernidade europeia, construído sob esses pressupostos. No entanto, devemos realizar a ressalva de que o pensar de forma situada não é o único crivo de validade para o conhecimento, mas o preponderante para os moldes de nossa proposta.

fazem novas constituições, novas leis, novas guerras cada três meses, mas continuamos na Colônia.” (MARQUEZ, 2018, p. 332).

O personagem Leão XIII, de “*O amor nos tempos do cólera*”, remete a um imaginário coletivo popular que expressa, em boa medida, o contexto de dependência e de exploração por que passamos. A percepção histórica de tal indivíduo expressa uma posição que denota a visualização de um estado inalterável das estruturas sociais ao longo do tempo. Dialogamos com essa fala e arrematamos a compreensão da condição de inalterabilidade do próprio tempo histórico. O tempo é implacável, irreversível. “O tempo é a irreversibilidade dos acontecimentos. O tempo histórico é a irreversibilidade dos acontecimentos sociais. Todo acontecimento é irreversível do mesmo modo”, ou seja, o que se altera não é o tempo, mas “o ritmo da alteração das estruturas sociais” (HELLER, 2016, pp. 15-16).

Nesse sentido, a percepção da passagem do tempo radica-se na detecção mais ou menos lenta ou rápida de alteração das estruturas sociais. São estas as figuras responsáveis por tal percepção. Ora, o percurso da história dos povos é melhor percebido quanto mais os elementos recorrentemente presentes na cotidianidade tornam-se referenciais para as grandes ações relatadas nos livros oficiais de História. Em síntese,

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social. [...] As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças ao seu posterior efeito na cotidianidade. O que assimila o pensar a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente, mas apenas “em-si”. (HELLER, 2016, pp. 38-39).

Conforme nos fala o fragmento acima, assimilar o pensar a cotidianidade implica a assimilação do passado e, diríamos mais, a anunciação do futuro. Tais controles de epocalidades constituem-se em tamanhas violências que se chega ao dito de que os anunciadores da história não a viveram. Trata-se, ao que parece, da negação da história dos povos colonizados e imputação a elas como não-história ou como algo inexistente ou como fabuloso. Quando, na verdade, essa postura de violência acerca da história dos dominados é que se constitui como uma invenção de narrativas, de efabulações e mitos.

Retomando a fala do personagem citado, afirmamos ser o cotidiano revelador das particularidades dos personagens do escritor colombiano, mas que se revelam como concretamente vividas em nosso histórico de subalternização. Vivemos “em tempos de cólera” seculares. Tempos marcados pela exploração, pela sevícia e pela dominação estrangeira. “Cólera” refere-se não só às patologias que nos foram legadas pela invasão

estrangeira em nossos territórios, mas também aos diversos processos de violação (catequização, trabalhos forçados, genocídio etc.) a que fomos submetidos.

Por isso, reivindicamos a compreensão da categoria da colonialidade. Afinal, os processos de colonização apresentam-se a nós como atos de violência que perduram no tempo. Isso sendo feito não só pelo controle das formas de anúncio da História, como também pelo controle de nossos corpos e nossos saberes como consequência. A colonização apresenta marcos temporais, mas as heranças de tais processos perduraram no tempo e no espaço por onde foram inseridos. Importante reflexão assim se delinea:

[...] De facto, o fim do colonialismo político, enquanto forma de dominação que envolve a negação da independência política de povos e/ou nações subjugadas, não significou o fim das relações sociais extremamente desiguais que ele tinha gerado, (tanto relações entre Estados como relações entre classes e grupos sociais no interior do mesmo Estado). (SANTOS, 2009, pp. 11-12)

Na contramão disso, o ponto de vista de nossa proposta reivindica a necessária narrativa histórica capaz de inserir a história dos povos dominados, não no sentido de reproduzir a narrativa oficial eurocêntrica que se propôs a falar de si mesma como a detentora de um saber universal. Afinal este é um discurso da ipseidade, do Mesmo que fala a partir de si e pretende universalizar-se, “é a dimensão privilegiada do Ocidente greco-romano (e sua possibilidade de universalização) – como intenção de retirar a *alteridade* da Natureza que, estranha e prévia, surpreende e marca a identidade imediata que é o *mesmo* do Eu humano.” (LÉVINAS, 1996, p. 287).

Se a nossa história é inscrita secularmente pelo par colonialismo-colonialidade a partir da inserção (geopolítica e cognitivo-epistêmica) na Modernidade Europeia, é necessário ultrapassar a própria ideia de Modernidade como conceito produtor de reposicionamentos históricos refletidos no espaço e no tempo dos sujeitos.

Para tal proposta, o conceito de Transmodernidade é uma ferramenta imprescindível por ser construtora de um horizonte de sentido para o pensamento de *Nuestra América*. Tal categoria conceitual não só se contrapõe a ideia de Modernidade, mas pretende atravessá-la ultrapassando-a⁵.

Trans-modernidad” indica todos los aspectos que se sitúan “más-allá” (y también “anterior”) de las estructuras valoradas por la cultura moderna europeo-norteamericana, y que están vigentes en el presente en las grandes

⁵ O pensar transmoderno nega os pilares modernos, mas não pretende identificar-se com o que se denominou de pensamento pós-moderno. Afinal, para nossa leitura, a visão pós-moderna representa, em boa medida, os estertores de uma filosofia eurocêntrica que intenta uma saída ainda dentro da herança categorial da europeidade.

culturas universales no-europeas y que se han puesto en movimiento hacia una utopía pluriversa. ⁶(DUSSEL, 2005, p. 18).

Dessa forma, o situar-se “mais além” e anteriormente à Modernidade, como nos fala o fragmento acima, é condição imprescindível para a edificação de um projeto histórico-filosófico original e independente dos marcos europeus. Tal opção teórica não é aleatória, mas convergente ao respeito e à marcação temporal da vivência e da história dos nossos povos que apresentavam produções culturais, formas de vida e de saberes muitos séculos antes da invasão europeia.

Essa via proposta vai na contramão dos processos políticos de dominação perpetrados pela Modernidade. Tais processos, por sinal, apresentam-se sob múltiplas faces de violência histórica. De tal forma assim sucede que a própria noção de epocalidades e de tempo histórico são transfiguradas sob os moldes e concepções do colonizador, uma vez que

A violência tem uma tripla dimensão. É «Violência no comportamento cotidiano» do colonizador a respeito do colonizado, «violência a respeito do passado» do colonizado, «que é esvaziado de qualquer substância», e violência e injúria a respeito do futuro, «pois o regime colonial apresenta-se como eterno. (MBEMBE, 2014, p. 183).

Trata-se, dessa forma, da negação da história dos povos colonizados e imputação a elas como não-história ou como algo inexistente ou como fabuloso. Quando, na verdade, essa postura de violência é que se constitui como uma invenção de narrativas, de efabulações e mitos.

O olhar transmoderno a respeito da história, nesse sentido, constitui-se como o reconhecimento de histórias e de culturas milenares de povos não-europeus capazes de produzir epistemologias e discursos não centrados nos valores e nas categorias próprias da Modernidade⁷.

Portanto, é necessário reinventar o passado se se pretende construir um outro futuro. A realização dessa tarefa significa o assumir uma posição, ou seja, um ponto de vista a partir do qual se visualiza a realidade e a si mesmo também com originalidade.

⁶ “Transmodernidade indica todos os aspectos que se situam “mais-além” (e também anteriormente) das estruturas valoradas pela cultura moderna europeia-norteamericana, e que estão vigentes no presente das grandes culturas universais não-europeias e que se puseram em movimento até uma utopia pluriversa.”

⁷ Como pensar modernamente a partir da América Latina se se concebe que tais valores foram forjados por processos históricos próprios e uma classe constituída especificamente por eles? Não tivemos revoluções tipicamente burguesas neste lado do globo. Por isso, “a ordem social escravocrata e senhorial suportou longamente o impacto de tensões geradas “quer da irradiação do mercado capitalista, a partir das cidades, e da expansão interna do capitalismo” (FERNANDES, 2006: 198). A ascensão de uma classe dita burguesa no Brasil, por exemplo, conviveu um bom tempo com a ordem escravocrata pela especificidade da construção de nossa história econômica.

Dessa forma, essa tomada de posição objetiva voltar-se para uma configuração de um pensamento genuinamente da América Latina no sentido de que é “preciso encontrar um lugar para ela na História Mundial, partindo da sua pobreza, e, assim, descobrir sua realidade oculta.” (DUSSEL, 1995, p. 14). Parte-se aqui não de uma Modernidade nascida de uma pretensão de universalização de determinada província do mundo, mas do reconhecimento de diferentes histórias e, dessa forma, de diferentes visões de mundo (leia-se Filosofias) de cada povo historicamente construído.

Dos saberes inventados

Há um comportamento idiossincrático do pensamento ocidentalocêntrico, o de se pôr como guardião universal da verdade dos povos. Ao fazê-lo, coloca-se na posição de sujeito e nega a quaisquer outros a ocupação desse lugar, implicando as classificações e as hierarquizações da linha abissal.

Essa estruturação de pensamento constitui um “pensar de” ou “pensar para”. Isto é, a realidade torna-se objeto ao sujeito que a investiga, submetendo-se a este com os critérios classificatórios estipulados por esse mesmo sujeito. Ora, essa é a nota fundamentalmente característica do pensamento científico moderno, o apartamento entre sujeito e objeto e a assunção do primeiro como mais evidente na equação responsável pela leitura do real.

Não podemos esquecer ser essa uma perspectiva de interpretação do real. Uma só, não a única. “Quando falamos de ciência e técnica, falamos de uma *atitude* fundamental do homem com relação à realidade, à totalidade, falamos de uma perspectiva na qual a totalidade se lhe manifesta.” (OLIVEIRA, 1990, p. 131). Portanto, seria demasiada pretensão arriscar em *uma* leitura a possibilidade de abarcar a totalidade do real. Quando apostamos, por sua vez, em interpretações do real comprometidas com a libertação dos povos e sujeitos dominados historicamente, a unicidade de leitura torna-se ainda mais arriscada. Afinal, “nenhuma cultura é completa, no sentido de ser capaz de dar todas as respostas do desejo global de autodeterminação e de libertação humana. (SANTOS, 2019, p. 346).

Nesse sentido, trazemos para a discussão um exemplar de saber originário de nossas culturas, o pensamento indígena. As cosmologias ameríndias são centrais para o perspectivar desde o ponto de vista do colonizado e como fonte de criação para uma nova postura diante da História e dos conceitos que fazemos desta e de nós mesmos. Afinal, como primeira população de sujeitos subjugada, a experiência de dominação por que

passou tem muito a nos ensinar sobre formas de resistência e sobre a necessidade de outros mundos possíveis. Uma sabedoria que

fue creada para producir y reproducir la vida de la humanidad y de la naturaleza, pero todavía no es filosofía en el sentido en el que ahora la entendemos; por ello, nuestra filosofía ahora debe pensar explícitamente a partir de esta sabiduría para constituirse en literal filosofía. En cambio, la filosofía moderna ya no es más filosofía, no sólo porque ya no es para la vida, sino porque se ha desarrollado solamente para justificar la dominación moderna; por eso ahora se ha convertido en literal amor al *logos* moderno, el cual es para la dominación y no así para la liberación. Por eso, necesitamos producir otra idea de filosofía con la cual desarrollemos explícitamente una sabiduría para seguir desarrollando la producción y reproducción de la vida humana y de la naturaleza que hasta ahora han producido nuestros pueblos originarios.⁸ (SEGALÉS, 2014, p. 247).

Se pretendemos construir uma História a serviço da vida humana, devemos construir pensamentos, categorias e reflexões confluentes com a sabedoria indígena. Afirmamos isso, pois esta se encontra descentrada dos desígnios modernos extrativistas (seja de recursos naturais seja epistêmicos⁹). O pensamento das populações nativas de *Nuestra América* não se constitui como um pensar para ou sobre, mas um pensar desde ou com.

A visão de mundo de nossas populações nativas defende uma unidade entre as espécies humanas e não-humanas. A relação entre Cultura e Natureza não se resolve em termos de exploração e de extrativismo da primeira sobre a segunda. Tal postura adotada assim se configura, pois a espécie humana é apenas uma parte da Natureza, não superior a ela, apenas diferente dela. O que diferencia, por sua vez, humanos de não-humanos é muito mais a forma corpórea que qualquer outro critério de distinção.

Portanto, Cultura e Natureza são indistinguíveis dentro da cosmovisão ameríndia de tal forma que a denominação dada ao espaço por onde transitam os corpos (humanos e não-humanos) remonta à maternidade, à sacralidade da origem. Pachamama (“Mãe

⁸ “Foi criada para produzir e reproduzir a vida da humanidade e da natureza, no entanto, não é filosofia no sentido que entendemos agora; por isso, nossa filosofia agora deve pensar explicitamente a partir dessa sabedoria para constituir-se em verdadeira filosofia. Por outro lado, a filosofia moderna já não é mais filosofia, não apenas por que já não é para a vida, mas também por que se desenvolveu somente para justificar a dominação moderna; por isso, agora se converteu em verdadeiro amor ao *logos* moderno, o qual é para a dominação e não para a libertação. Por isso, precisamos desenvolver outra ideia de filosofia com a qual desenvolvemos explicitamente uma sabedoria para seguir desenvolvendo a produção e reprodução da vida humana e da natureza que até agora produziram nossos povos originários.”

⁹ O extrativismo epistêmico, por sua vez, encontra-se irmanado do extrativismo dos recursos naturais, uma vez que a exploração dos recursos naturais produz impactos não só ambientais, mas vivenciais e epistemológicos para os povos que se relacionam de outro modo com a Natureza. “Cortar uma árvore ou deixa-la submersa é mais do que um impacto, é cortar uma parte de quem com a mesma convive, cortar seus conhecimentos.” (SANTOS, 2019, p. 103)

Terra”), como afirmam alguns povos da América pré-hispânica, não é parte separada das espécies viventes, ela é fonte criadora e mantenedora delas.

Por certo, essas cosmovisões são fruto das crenças sustentadoras e mantenedoras de sentido responsáveis por erigir todo um ethos social reproduzido intergeracionalmente. Tamanha a relevância dessas construções seculares e sagradas de sentidos do viver, que elas foram as primeiras a serem atacadas quando do instalar dos processos de colonização.

O compromisso do historiador ou daqueles que pensam a história desde um ponto de vista dos silenciados deve estar com a defesa e o movimento tendente a confluir diferentes racionalidades para, dentre outras finalidades, o bom conviver entre os diferentes povos. Essa postura implica negar o pressuposto classificatório e hierarquizante do pensamento moderno/científico responsável por construir dicotomias hierarquizantes: sujeito/objeto; cultura/natureza; humanos/não-humanos; científico/não científico etc.

O processo colonizador, por sua vez, é radicado no pressuposto de haver um único modo de viver na Terra ou do melhor modo de viver. Ora, essa concepção está eivada das dicotomias a pouco citadas. Tais dicotomias, em especial a relação Cultura-Natureza, foram responsáveis pela construção histórica de que

[...] Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem - , fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, pp. 16-17).

Portanto, nós, seres humanos, sozinhos, não somos a Humanidade. Esta abriga as outras espécies e apresenta relação íntima com a Natureza, sendo abarcada por ela. Tudo é Natureza, as espécies (humanas e não humanas), as plantas, os rios etc. Daí a necessidade de melhores formas de relacionar-se com as demais espécies e com tudo que nos cerca, uma vez que possíveis agressões constituem-se, dessa forma, como autoagressões.

Para a construção contraposta à concepção científico-ocidentalocêntrica que classifica e hierarquiza saberes, a atenção com o saber ancestral de nossos povos indígenas assume papel bastante relevante. Isso sendo feito possibilitam-se reposicionamentos dos sujeitos no tempo a projetar um modo de vida mais digno, ou seja, “esses conhecimentos são reinventados para se referirem a um tempo passado de vida digna, uma vida que pode agora ser recuperada sob novas condições; são, por isso, cruciais para a reivindicação de dignidade.” (SANTOS, 2019, p. 197).

Precisamos dessa construção disruptiva que configure uma saída da lógica ocidentolocêntrica por meio de um pensamento alternativo de alternativas inovadoras e originais, assim concebidas se partirem de nossa sabedoria ancestral secular que há muito (con) vive na Terra a aprender com esta. Para tanto, é necessário reinventar caminhos, construir confluências e pautar os saberes na vida concreta dos sujeitos e sujeitas.

Em suma, é necessária uma nova História ou o repensar sobre a definição do que seja a nossa História. O historiador, enquanto comprometido com essas necessidades e urgências, constitui-se com uma nova “idade histórica”, capaz de explicar as anteriores, sem ser fagocitada por elas.

Considerações finais

Esperamos ter realizado um percurso teórico que tenha tornado compreensíveis os desígnios desse texto. A ideia não foi revisitar elementos de um lugar-comum do passado a não alterar os sentidos deste. Ao contrário, a revisita e a releitura histórica foram feitas para que atentemos para a dominação epistêmica por que passamos até hoje que imputa um tipo de história e tipos de problemas sociais com os quais não temos sabido lidar até hoje.

A europeidade além de nos ter legado séculos de colonialismo histórico, permanece em nossos corpos e mentes sob as vestes da colonialidade do ser, do saber e do poder. É necessário extrojetar essa dominação. Para isso, o saber moderno deve ser perscrutado como é: ensimesmante. Como tal, silenciador e necrológico do Outro que somos nós, subalternizados historicamente. O tempo presente é de invenção (do nosso passado e do nosso futuro) e de anunciação (de nossa libertação) desde o *nosso* ponto de vista. Um ponto de vista que não exclua o lugar de onde se vê e o porquê se vê.

Referências bibliográficas

DUSSEL, Enrique Domingos. *Filosofia da Libertação – crítica à ideologia da exclusão*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Transmodernidad y Interculturalidad (Interpretación desde la Filosofía de la Liberación)*. 2005.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil – ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2006.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós - ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MARQUEZ, Gabriel García. *O amor nos tempos do cólera*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2018.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Editores Refectários, 2014.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SEGALÉS, Juan J. Bautista. *¿Qué significa pensar desde América Latina? Hacia una racionalidad transmoderna e postoccidental*. Madrid: Ediciones Akal, 2014.